



“Eu

Capítulo Treze

LARIMAR

já disse a você,” Priest diz em uma voz lenta e comedida, “meus votos me mantêm na linha para mim. Para essa humanidade com a qual você finge se importar.”

Eu dou a ele meu sorriso mais inocente e me viro para

encarar o corredor, o degrau mais alto pressionando minha parte inferior das costas. “E como

me foder significa a queda da humanidade?” Eu pergunto, abaixando minhas

mãos amarradas para puxar a bainha do meu vestido até que ele suba na minha cintura. Eu

abro minhas pernas, certificando-me de que ele tenha uma boa visão da minha boceta nua.

Um estrondo soa em seu peito, suas sobrancelhas abaixadas enquanto ele olha para mim.

“É sobre controle,” ele diz com a voz grossa, e eu posso dizer que ele está se esforçando para

não olhar entre minhas pernas.

“Mas me fazer gozar na sua mão não é sobre controle? Ou você gozar entre meus seios?”

“Cristo, mulher,” ele xinga.

Eu quase rio. “Quem é blasfemo agora?” Então, coloco minhas mãos em mim. Eu deveria ter vergonha de quão molhada fiquei só de provocá-lo assim. “Tudo bem então. Se você não me der o que eu quero, terei que dar a mim mesmo.”

Suas narinas se dilatam, o aperto em seu colar deixa seus nós dos dedos brancos. Mas ele não me diz para parar.

Eu movo meus dedos para baixo, o som da minha umidade incrivelmente alto no silêncio da igreja. É difícil conseguir contato com a forma como minhas mãos estão amarradas, mas é tudo parte do show.